
THE LAST
PERSON
STILL
THERE

LIMIAR 8

A Última Pessoa Que Ficou

Existe uma palavra que o nosso tempo pouco ama.

Permanência.

Parece uma palavra velha.

Fora de moda.

Quase suspeita.

Vivemos em uma época que celebra o movimento, a velocidade, a mudança contínua. Tudo deve transformar-se rapidamente. Tudo deve ser substituído. Tudo deve evoluir.

No entanto, observando a minha vida, as pessoas que deixaram a marca mais profunda não foram aquelas que correram mais depressa.

Foram aquelas que ficaram.

Não ficaram no mesmo lugar.

Não ficaram na mesma posição.

Não ficaram no mesmo hábito.

Ficaram fiéis a algo.

A um princípio.

A uma responsabilidade.

A uma promessa.

A uma pessoa.

A uma parte autêntica de si mesmas.

Durante muito tempo confundi o sucesso com o movimento.

Quanto mais eu viajava, mais trabalhava, mais acumulava experiências, mais tinha a impressão de avançar.

Em parte era verdade.

Mas era apenas uma parte da verdade.

A outra parte eu descobri muito mais tarde.

Avançar não significa necessariamente afastar-se.

Às vezes significa ficar.

Lembro de muitos momentos em que a escolha mais simples teria sido abandonar.

Não porque faltassem alternativas.

Ao contrário.

As alternativas eram numerosas.

Novas oportunidades.

Novas direções.

Novos começos.

O mundo sempre oferece novas partidas.

Muito mais raramente oferece continuidade.

A continuidade precisa ser construída.

Dia após dia.

Sem aplausos.

Sem títulos.

Sem público.

Na parte invisível da vida.

Aquela que quase ninguém vê.

Com o tempo percebi que cada pessoa atravessa estações diferentes.

Há estações de conquista.

Estações de descoberta.

Estações de crescimento.

E depois chegam as estações da resistência.

Aquelas em que a pergunta não é:

“Até onde você pode chegar?”

Mas:

“Por quanto tempo você consegue permanecer presente?”

São estações difíceis.

Porque não produzem resultados imediatamente visíveis.

Não permitem fotografias heroicas.

Não geram relatos espetaculares.

Mas formam o caráter.

Muito mais do que as vitórias.

Conheci pessoas que construíram carreiras extraordinárias e não conseguiram construir uma relação.

Pessoas capazes de conduzir organizações imensas, mas incapazes de enfrentar uma conversa difícil.

Pessoas que conquistaram o mundo e perderam a si mesmas.

Observando-as aprendi algo.

Ficar não é uma questão geográfica.

É uma questão moral.

Você pode mudar de país dez vezes e permanecer fiel àquilo que importa.

Você pode viver a vida inteira na mesma rua e trair todos os princípios que possui.

A diferença não está na distância percorrida.

Está na fidelidade.

Fidelidade é uma palavra frequentemente mal compreendida.

Muitos a associam à imobilidade.

Eu a associo à coerência.

A fidelidade não impede você de mudar.

Impede você de se perder.

E essa distinção é fundamental.

Ao longo dos anos atravessei muitas transformações.

Profissionais.

Pessoais.

Interiores.

Algumas escolhas foram voluntárias.

Outras me foram impostas pela vida.

Nem todas foram agradáveis.

Nem todas foram certas.

Mas procurei manter uma coisa.

A continuidade entre aquilo que eu declarava e aquilo que fazia.

Nem sempre consegui.

Ninguém consegue sempre.

Mas tentei.

E frequentemente a vida mede justamente isto.

A tentativa.

Não a perfeição.

Uma das ilusões mais difundidas é que a força se manifesta nos momentos excepcionais.

Eu descobri o contrário.

A força se manifesta na repetição.

No levantar-se todas as manhãs.

No fazer aquilo que deve ser feito.

No continuar a estar presente quando ninguém percebe.

No não abandonar aquilo que merece ser guardado.

É um heroísmo silencioso.

Quase invisível.

E talvez justamente por isso seja autêntico.

Penso frequentemente nos laços que atravessaram a minha existência.

Família.

Amigos.

Colaboradores.

Pessoas amadas.

Muitos desses laços sobreviveram porque alguém ficou.

Não perfeito.

Não invencível.

Simplesmente presente.

Quando chegam as dificuldades, você descobre rapidamente quem está disposto a ficar.

Quando tudo vai bem, estamos cercados de pessoas.

Quando tudo se torna difícil, a multidão rareia.

E é nesse momento que emergem as presenças autênticas.

São poucas.

Mas bastam.

A qualidade de uma vida raramente depende do número de pessoas que você encontra.

Depende do número de pessoas que ficam quando o caminho se torna complicado.

Com o passar dos anos comecei a considerar a permanência como uma forma de coragem.

Muito mais difícil do que a fuga.

Muito mais difícil do que o entusiasmo inicial.

Muito mais difícil do que as promessas.

Porque as promessas são pronunciadas num instante.

A permanência exige anos.

Exige sacrifícios.

Exige paciência.

Exige caráter.

Muitos começam.

Poucos continuam.

Menos ainda ficam.

Olhando para trás, não me orgulho de todas as minhas decisões.

Ninguém deveria orgulhar-se de todas.

Mas há uma coisa que reconheço.

Nas situações que realmente importavam, procurei estar presente.

Pela minha família.

Pelas pessoas que eu amava.

Pelas responsabilidades que eu havia aceitado.

Pela palavra que eu havia dado.

Nem sempre do modo perfeito.

Mas do modo mais sincero possível.

No fim, talvez a vida não nos pergunte quantos lugares atravessamos.

Quantos títulos acumulamos.

Quantos sucessos colecionamos.

Talvez nos faça uma pergunta muito mais simples.

“Quando era o momento de ficar, onde você estava?”

A minha resposta não é perfeita.

Mas é honesta.

Eu fiquei.